

CAMPOS SALES

O SEU BAIRRISMO E A SUA ULTIMA CAMPANHA POLITICA

A CONVENÇÃO DO P.R.P. DE 1907

O livro de A.C. DE Sales Junior, lançado á pu-
blicidade em edição recente de Zelio Valverde - "O Idealis-
mo Republicano de Campos Sales" - que estou lendo aos boca-
dos, mastigando e remastigando varios capitulos e procuran-
do extrair deles, através de vagas referencias, muitos fa-
tos antigos de meu conhecimento pessoal, dá-me ensejo a al-
gumas breves recordações neste domingo.

O estudo de Sales Junior, sobrinho e corrêligo
gionario do grande politico e estadista republicano que foi
chamado, num discurso de saudação dos academicos de direito,
por Vitor Konder, de "velho roble da democracia brasileira,"
abrange a vida toda do politico, as suas campanhas de moço, p^o
la abolição da escravatura e pela pregação republicana, e de-
tem-se, principalmente, nos exemplos que deixou de uma visce-
ral feitura democratica, das de velho estilo, sem rugas e
sem disfarces. Em sua familia essas aspirações e tendencias
eram, alias, ensinadas, antes das primeiras letras, com os e
xemplos da sua gente, que entrocava em velhos ramos campin^o
ros e ituanos. O ambiente familiar em que Campos Sales cres-
ceu e formou seu espirito, o da honrada casa de seu pai te-
nente-coronel Francisco de Paula Sales, ambiente de mediania
e modestia de vida, de rigor de principios de educação e de
habit^os nos moldes da nossa antiga gente paulista - e, nisso,

alias, muito conforme aos estilos brasileiros que herdamos de rijas e honestas casas lusitanas - é retratado no livro de Sales Junior com um poder evocativo de raro encantamento. E a leitura de um capítulo convida á continuação do seguinte, levando-nos a esse passeio de mais de sessenta anos, desde a infância e maninice da que ardente republicano voluntarioso e decidido em seus movimentos e preferencias, até o final de vida em que se extinguiu num quarto de hotel, no Guarujá, assistido pela esposa, pessoas de sua familia e alguns poucos amigos.

Quem lê o livro acompanha aquilo tudo com interesse tão grande pela figura do biografado que com ele se identifica e sofre com as suas decepções e as imensas amarguras da sua vida politica, cheia, como as vidas dos nossos homens publicos, de ascenções vertiginosas, quedas melancolicas e deploraveis esquecimentos.

Algumas observações e fatos terão que ser, certamente, retificados de conformidade com esclarecimentos que ao seu autor serão fornecidos por amigos e leitores. Penso que o livro ainda melhor se, numa revisão geral, pelo proprio autor, se restituisse a muitas passagens a redação que parece terem recebido no seu inicio, redação que foi, evidentemente, modificada, sem duvida com o proposito de melhoria. Mas, com essas modificações, em certos trechos, ficou o estilo encaroçado e duro, quando o natural em outros trabalhos de A.C. de Sales Junior é a fluencia, a segurança, a naturalidade.

Não é, todavia, do livro que falarei hoje, mas de fatos e episódios que a leitura provocou e que, pelo seu pitoresco, trarão algum interesse aos que ainda neste nos cultuam os nossos grandes homens e se distraem com as lições de suas vidas ou as preferencias e gestos que deixaram no convívio dos seus íntimos.

Falarei daquilo que se costuma ainda chamar "o bairrismo de Campos Sales", isto é, o seu "campineirismo", visto que a gente antiga de Campinas é que mais correntemente se apontava como alimentada por um orgulho cego de ter nascido na terra bemfadada, em que, naquele período de 1830 a 1880, faziam sede e se alargavam em famílias opulentas os velhos chefes, que eram as maiores fortunas da Província. Campos Sales foi varias vezes apontado como bairrista incorrigível, mas não contestava o exagero, antes com ele se divertia e procurava fazer moça aos imputadores desse "defeito". Leopoldo Amaral recordou alguns desses fatos e anotava que, em conversa com Campos Sales, certa vez, lhe dissera esclarecendo uma preferencia desse teor: "Eu tenho apego a "isto", á terra e á gente antiga, porque aqui vivi meus primeiros dias e é sempre confortante recordar essa época tão feliz".

Não é esse apêgo aliás, qualidade exclusiva da gente campineira. É corrente o dito caipira - "não ha coruja que não gabe o seu toco"; se, portanto, o toco é alto, de boa madeira, encravado entre arvores de boa copa e ares puros,

melhor motivo para a gabolice do seu dono...

Mas passemos a recordar um episódio em que, para minha sorte, eu fui parte, juntamente com outros tantos colegas da Academia.

o o o

Em 1907, abriu-se, como se sabe, a campanha política no seio do P.R.P. para a escolha dos candidatos à futura eleição de presidente e vice-presidente do Estado. Ocupa para a presidência o Sr. Jorge Tibiriçá, que deveria transmitir, em 1908 o governo ao seu sucessor, e as correntes, dentro do mesmo partido, se movimentavam, manifestando preferências por varios nomes. Tibiriçá acolheu com simpatia rasgada o nome de Albuquerque Lins, seu secretario da Fazenda, alagoano radicado de longa data em S. Paulo, aqui ligado pelo casamento com a estirpe illustre dos Souza Queiróz e credor, por serviços pessoais incontestáveis, à gratidão de todos nós. Ao lado disso, seu caráter lhano, mas firme, e o grande devotamento que já deixara revelado na solução da crise do café que naquele quatrienio se reproduzira, lhe davam títulos valiosos para a investidura. Mas alguns politicos do partido se insurgiram contra essa preferência que lhes parecia trazer a força impositiva de uma candidatura oficial, coisa contraria às tendências e aspirações que ainda vigoravam naquela época feliz. E no próprio partido se abriu a dissensão e a luta que foi num crescente, em que a opinião pública se manifestou com amplitude e com paixão, estimulada pelos debates da imprensa, e por uma larga e profunda agitação em que se envolveram todos os nossos elementos pensantes. Ao nome de Albuquerque Lins foi oposto o de Campos Sales, "o solitário do Banharão" que, não obstante o isolamento a que se condenara por decisão própria, continuava a ter, na nossa or

ganização partidária, o seu grupo, os seus simpatizantes e partidários que formavam a chamada "corrente salista".

Já no ano anterior, seu nome fôra levantado como bandeira de candidatura por Pinheiro Machado, e bandeira larga em cujas dobras se poderia perfeitamente encaixar, não uma candidatura a mero presidente de Estado, mas uma outra, para o novo quadriênio presidencial da República. A apresentação desse nome, e sobretudo pela significação que ele incontestavelmente possuía, pelo seu valor pessoal e, mais ainda, pelo que significava como instrumento de uma reação liberal contra indicações oficiais de candidatos do governo, agitou-se a mocidade acadêmica e a maioria dos estudantes, com os de Direito à frente, entrou de corpo inteiro na agitação, disposta a trabalhos, lutas e agitações de rua.

Formou-se na Academia o diretório salista e este promoveu e dirigiu comícios numerosos que, no fim de agosto, já se convertiam em reuniões em que havia mais tumulto e desordens do que propriamente falação de propaganda política. O nosso diretório que, ao que me recordo, era integrado, entre outros, pelos dois Konder (Vitor e Adolfo), pelo grupo Vergueiro (Cesar e Lorena), por Nilo Costa, Lino Moreira, pelo grupo gaúcho (Basileu Azeredo, Fernando Lara Pinheiro, Euripedes Brasil Milano), Silvio de Moraes Sales, Luis Rodolfo Miranda, Tito L. Brasil e outros muitos, converteu o patio em centro de cabala e trabalhos correlatos, e nestes também eu me meti, com o mesmo ardor dos companheiros. Foi nessa ocasião que se ajustou uma reunião no escritório do deputado federal Rodolfo Miranda, que era dono da fabrica Aretusina, com sede no Largo do Palacio, esquina da Rua Anchieta, onde hoje funciona a diretoria da despesa pública estadual.

Iriamos ter, nessa tarde, a honra de uma apre

sentação "oficial" a Campos Sales, e para lá fomos, com o grupo reforçado por varios outros academicos. Instalados, esperamos algum tempo, até que o proprio Rodolfo Miranda, de cabeleira revolta, o seu ar esparramado e um estabamento verdadeiramente juvenil, exclamou: "Com a velha guarda republicana e esta mocidade impetuosa, temos a vitória garantida - e havemos de conquistá-la, custe o que custar..."

Dai a pouco nos anunciavam - "O homem está aí". O "homem" era Campos Sales, que entrou na sala e, com um sorriso familiar, tomou assento no sofá. Cesar Vergueiro adiantou-se e começou as apresentações, embora alguns academicos já fossem velhos conhecidos do nosso candidato.

Os veteranos davam suas qualidades e ostentavam uma atitude de maior intimidade. Eu, simples "calouro enfeitado" ia ficando para o fim. Mas, no correr da conversa que começava a ser travada, alguém declarou que havia campineiros na comissão. Campos Sales indagou logo: Quais são eles?

Eu não esperei pela chamada e avancei logo. Dizia o Cesar: "Este é segundanista". E declinou meu nome.

"- Lobo? Filho de quem?" E com a minha resposta:

- Do Antonio Lobo? Então o Sr. além de meu conterraneo é filho de um grande amigo... Sente-se aqui ao meu lado..."

Não me fiz de rogado, instalei-me com preterição de outros mais graduados e, aproveitando o ensejo que me dava a apresentação, encompridei-a:

- Há um outro campineiro, e quartanista, na comissão: é o Silvio de Moraes Sales..." Silvio avançou, ereto, com uns belos bigodes, figura insinuante e cumprimentou o chefe. Quando, a uma pergunta de Campos Sales, declarou ele que era filho do Dr. Antonio Carlos de Moraes Sales, anti

go e acatado advogado campineiro, Campos Sales se levantou:

- Do Moraes Sales? Um dos maiores advogados que conheci? Então, o Sr. além de conterrâneo e amigo é meu parente: de-me um abraço e sente-se aqui, do outro lado..."

Alguem da roda murmurou com um assomo de inveja quase fratricida que era, provavelmente, igual à que empolgou o animo de Caim: "Ota campineirada orgulhosa..."

Ora, a cena não estava "orgulho" de ninguém. Apenas atestava que nós, por sermos filhos de amigos, do grande chefe, eramos preferidos para a sua vizinhança.

A palestra animou-se e foram traçados os planos para a campanha. Esta, no entanto, foi mal conduzida e ficou, nalguns dos seus atos, desorientada e chocha.

Lembro-me que, alguns dias depois, quando se realizava no antigo teatro Santana, situado no cotovelo das Ruas Boa Vista e 3 de Dezembro, um comício político, que não pudera ser realizado no Largo S. Francisco, os oradores que se sucederam foram infelizes e sem brilho. A sessão declinava de entusiasmo e os apartes irrespeitosos começavam a chover sobre os ultimos discursadores, quando de uma frisa se levantou um velhinho de estatura média, tipo acabocado, que num improviso vibrante e cheio de imagens arrojadas, com apostrofes candentes muito do nosso gosto, deu um inesperado brilho à sessão e saiu do seu posto, no fim do discurso, carregado em triunfo pela estudantada e por alguns dos mais ardorosos salistas: era Raposo de Almeida, um rabula que discursava com veemência e conduzia um discurso daqueles com um animo e um fogo que em nada ficavam a dever aos nossos mais explosivos oradores.

A campanha seguiu seus tramites, com altos e baixos, e encerrou-se em setembro daquele ano, no dia 25, quando a Convenção do partido, realizada no salão Steinway, que é hoje sede do Conservatório Dramatico e Musical de São

Paulo, decidiu a controvérsia, escolhendo os nomes de Albuquerque Lins e do Coronel Fernando Prestes para candidatos à presidência e vice-presidência nas próximas eleições.

o o o

Nesse memorável conclave, no qual tomaram parte os senadores e deputados, federais e estaduais, num total de 94, a chapa que Tibiriçá patrocinava alcançou 54 votos, contra 40 alcançados pela chapa adversa, de Campos Sales e Virgílio Rodrigues Alves.

Realizou-se a convenção no dia 25 de setembro, não a 28, como escreveu Sales Júnior. Na véspera e no mesmo local, tinham-se reunido os partidários da chapa oficial, a fim de acertarem as providências e combinarem o plano dos trabalhos, evitando discussões sobre pontos secundários: a questão principal, que foi, depois debatida numa altura digna da gente que ali se enfrentava foi a de saber se, em convenção partidária, como aquela, seriam admitidos os votos por procuração. Cincinato Braga foi designado para falar em nome da maioria vencedora, contra a ~~outra~~ liderada por Alvaro de Carvalho, que pretendia trazer alguns votos por procuração de convencionais ausentes. Se fossem admitidos votos por procuração o resultado não seria alterado; aos 40 salistas se acrescentariam os votos de Antonio de Lacerda Franco, Virgílio Rodrigues Alves, José Cardoso de Almeida e Abelardo Cerqueira Cesar, então de viagem na Europa. Também deixara de comparecer Bernardino de Campos, então gravemente doente no Rio de Janeiro, mas este seria, provavelmente, voto de Albuquerque Lins, não de Campos Sales. Em conclusão: admitidos que fossem esses votos, o resultado da Convenção seria 55 para a primeira chapa, e 45 para a segunda.

Encerrados os trabalhos e conhecido o resultado, cessou a agitação política que na Convenção tivera a sua solução natural e pacífica. A minoria, pela voz de seus mais autorizados chefes, inclinou-se à manifestação da maioria vencedora, como convinha a membros de um partido que haviam tido uma dissensão em torno de nomes, igualmente dignos do sufrágio popular, pelas suas virtudes privadas e pelo já conhecido cabedal de serviços prestados em postos de governo.

Continuou, entretanto, a agitação durante alguns dias, através de órgãos de imprensa - e chegou às seções livres dos jornais. A algumas críticas ferinas do "Comercio de S. Paulo", canalizadas, ao que se sabia, por Carlos Garcia e Alberto de Souza, respondeu com uma virulência que nele era traço dominante, Adolfo Araujo, e o debate se alastrou, assumindo a feição de mofo candentes em varios jornais, para movimentação da seção livre...

Mas, dias depois sabido que Campos Sales e Francisco Glicério, chefes graduados da falange vencida, declaravam que a minoria se conformava com o voto da maioria e se eximia de prolongar nas urnas uma campanha que a Convenção procurara, exatamente, resolver, cessou completamente a agitação e cessaram os debates, ensarrilhando-se aquelas armas, algumas de cabo curto, violentamente manejadas...

Campos Sales se, por acaso, se sentiu ferido em seus melindres de chefe, pelo pronunciamento do partido, em cujo seio contava tão devotados proselitos, como politico de feição liberal e democratica, encarou a derrota com sobranceira e reconheceu que, no fundo, o que Jorge Tibiriçá visava, com a sua sucessão por Albuquerque Lins, era a continuação da politica de defesa do café, apoiada no Convenio de Taubaté, cujas linhas dominantes, ao que se sabia, não eram da preferência dos adversários: essa mudança produziria abalos que pareciam aos órgãos do governo estadual inconvenientes e alta-

mente nocivos. Era um ponto de vista respeitável.

Volveria Campos Sales à modestia da sua condição de simples fazendeiro de café se o mesmo Albuquerque Lins, com tato e sabedoria, não indicasse o seu nome, meses após, para a vaga de Senador federal, aberta com o falecimento de Lopes Chaves. Do Senado Federal foi buscá-lo o Governo da República para nosso Embaixador em Buenos Aires, a fim de aplainar, com o prestígio do seu grande nome, tão acatado na Argentina, e tão afetuosamente cultuado na casa de Julio Roca e dos seus partidários, dissensões incomodas que toldavam o céu da concordia sul-americana. E prestou-nos ele, como sempre o fazia, mais esse grande e inolvidavel serviço. O homem de partido, o politico, o candidato de grupo ou facção, nele se apagava e desaparecia, sempre que com esses interesses menores se defrontassem altos e grandes interesses do Brasil.

o o o o o o o o o o o o o o

Meu ultimo rodapé despertou interesse de gente antiga e, até, de gente nova. Os "antigos", quer dos que tomaram parte no conclave politico do Salão Steinway, de 25 de setembro de 1907, quer dos que conhecem essa cisão partidaria por terem acompanhado de fora o movimento, e seguido as correntes adversas - pelo prazer de lêr essa revivescencia de um choque que tanto apaixonou politicos, a todos envolvendo na mesma onda. Os "novos" para terem conhecimento exato de nomes e episodios de uma convulsão, da qual só ouviram o amortecido eco, que mal dá idéia do que foi o seu grande e extenso clamor.

É facil recompor essa serie de episodios, não só porque foram então amplamente discutidos e publicados, no

CAMPOS SALES

(cont.)

- fls. 11 -

noticiario de imprensa e pelas seções livres dos jornais, da Capital e do Interior, mas principalmente porque não deixaram ninguém isolado de preferencias nos ardorosos embates. Ou a gente era por Campos Sales, ou por Albuquerque Lins. Os salistas eram, todavia, muito mais ardorosos do que os adversarios, não só porque a candidatura do velho democrata representava a opposição contra uma pratica que nos parecia abusiva exorbitancia politica do Presidente do Estado, mas, principalmente, por se tratar do nome de um estadista que salvara o pais da ruina financeira e que vinha disputar a eleição para presidente do seu Estado natal, tendo como oppositor um antigo monarquista, sem duvida moralmente idoneo, mas sem os predicados que apresentava o primeiro, numa folha corrida de amplos serviços ao Brasil e ao regime republicano.

No correr de agosto a campanha estava francamente travada e já se esboçavam as correntes. O Presidente Jorge Tibiriçá, que patrocinava e amparava a candidatura de Albuquerque Lins, dava como fundamento unico de sua preferencia a necessidade de se levar a cabo o plano governamental de defesa do café, isto é, defesa da lavoura, através do cumprimento cauteloso das operações que se prendiam ao Convento de Taubaté. O Estado possuia um estoque consideravel de café, que deveria ser negociado e vendido aos poucos, para não afogar a praça de Santos e as demais praças do pais, que eram, então, de insignificante influencia na massa de expor

tação. E acenava-se, ainda, para a inevitável retração dos mercados estrangeiros de consumo e distribuição - Nova York, Havre e Hamburgo - o que se verificaria diziam os patronos da candidatura Lins se triunfasse a candidatura adversaria, em cujo topo aparecia Campos Sales, radicalmente contrario ao plano então adotado e em meio caminho, o que traria a derrocada dos interesses da lavoura paulista e, consequentemente, os imensos interesses economicos do pais, dela dependentes.

Sabe-se, com certeza, que essa alegação era recurso de propaganda Campos Sales era tão lavrador como os seus companheiros de classe e, como estes, tão profundamente abalado na sua fortuna privada que durante a vida inteira andou num regime de "deficits" e de empréstimos, que lhe consumiram as reservas patrimoniais e lhe minaram irremissivelmente a coragem e aquele desassombro viril que lhe dera sempre um posto de destaque entre os homens de tempera mais rija.

Mas, era necessario descobrir na sua candidatura um elemento de fraqueza, que propiciasse as reservas e abstenções - e esse "pecado", de homem infenso aos interesses da lavoura, era uma boa senha para aquilo que Rui Barbosa chamaria, mais tarde, "a senha da patuscada". Confundia-se propositadamente a sua resistencia patriotica contra as intervenções imprudentes do Tesouro em negocios e operações comerciais, dando-a como irreconciliavel divergencia com os diri--

gentes do plano ligado ao Convenio de Taubaté.

O plano de combate, notoriamente traçado em S. Paulo, e daqui expedido aos jornais do Interior, afinava por esse diapasão. Nesta Capital, "A Gazeta", sob a direção de Adolfo Araujo, com os seus impetos cintilantes e atrevidos, capitaneava a guarda-avançada linsista, mas tinha o seu maior e mais autorizado apoio no "Correio Paulistano" e no "Estado", então dirigidos por Carlos de Campos e Julio de Mesquita. A oposição era encabeçada pelo "Comercio de S. Paulo" então dirigido por Alberto Souza, que em vigor e impulsividade virulenta nada ficava a dever a Adolfo Araujo. O S. Paulo apoiava a corrente salista em termos decorosos, e o "Diario Popular" e "A Plateia" demonstravam francas simpatias pela candidatura do velho chefe campineiro.

Quando a orquestra, em boa sincronização, rompeu o dobrado, alguns jornais de Santos, Campinas, Descalvado, Rio Claro, Jau, Jacarei, e outras localidades entraram a fazer opinião: do lado contrario os jornais oposicionistas das mesmas localidades, ou os independentes, formaram na falange salista de sorte que, com a aproximação da data da Convenção e o azedume crescente da contenda os animos se acirravam, a linguagem dos "topicos" e sueltos se tornava mais espessa, com reticencias malevolas e contudentes, e isso ia empolgando completamente a opinião publica e apaixonando os mais comedidos.

A rapaziada da Faculdade de Direito tinha que

entrar, como entrou, no prelio, de peito aberto, num trabalho que logo apaixonou os mais belicosos. Viemos para as ruas e para os teatros, em comícios barulhentos e com esses "pequenos abusos e extravagancias que fazem parte de um programa eleitoral e são o natural desafogo de uma campanha, consolando os derrotados com o gostinho de terem manifestado amplamente suas preferencias e terem assacado aos adversarios, argumentos ponderosos e desaforos candentes. O desaforo, nesses debates e propagandas, não convence quem o ouve, mas consola quem o diz. E foi assim sempre entendida a nossa agitação politica.

Dias antes da Convenção o "Correio de Descalvado" - vai isso a titulo de exemplo - lançava um artigo de fundo, evidentemente mandado ou encomendado de S. Paulo no qual, depois de apontar as virtudes de Albuquerque Lins (que ninguém, aliás, punha em duvida) e contrapondo o seu nome ao de Campos Sales, avançava. "É sabido que o Sr. Dr. Campos Sales é de opinião que de pronto se liquidem as transações tendentes ao fim da valorização do café, apurando-se o que for possível apurar, qualquer que seja o prejuizo a verificar-se, para de novo se deixar a lavoura entregue aos especuladores. Segundo o seu modo de ver, já manifestado quando encampava idéias do Sr. Murtinho, nada absolutamente devem os poderes publicos fazer em auxilio da grande classe, ha longos anos sofredora". Esse artigo foi transcrito na seção livre dos jornais de S. Paulo, com alguns outros do "Jornal de Jacarei", do "O Municipio" e do "Diario de Santos".

Arregimentadas as forças politicas, delineou-se

logo um recontro que seria dos mais empolgantes; o P.R.P. cindiu-se ao meio, bem ao meio, tendo a antiga dissidência somado posto ao lado do pensamento oficial. Houve, porém, época em que não se sabia qual dos dois grupos alcançaria a vitória.

E houve também algumas defeições. Era fatal. Elas fazem parte de todos os programas de agitações partidárias; alguns ou por frouxidão, ou por conveniência, ou que outro nome se queria dar as simpatias durante algum tempo dissimuladas, só denunciaram suas tendências á ultima hora. Sabiamos os nomes de todos os convencionais de cor, um por um, mesmo daqueles que o eleitorado só conhecia em dia de pleito, por ve-los encaixados nas chapas. Conheciamos quais os "firmes", quais os "dublos", quias os que, a ultima hora. podiam ainda "virar"; tanto que, naqueles dias contavamos que o bloco salista alcançasse 58 votos, vencendo o grupo adverso pela maioria de 2 votos...Seria um fato inedito nos nossos fastos politicos. E seria o mais belo de todos os surtos da nossa vocação republicana democratica. Mas os fatos mudaram a direção da corrente. O Governo Tibiriçá sentiu-se perdido e fez falarem alguns órgãos de imprensa apontando nova e definitiva consulta aos directorios politicos se por uma deliberação inesperada, a Convenção escolhesse o candidato da opposição...

Foi uma advertencia feita em termos que ninguem interpretou de duas maneiras e que, irrompendo de colunas de

gazetas insignificantes, sem circulação sem credenciais e sem idoneidade eram transcritas de umas nas outras e nos jornais da Capital, para fazerem onda" ou, melhor, para denunciarem a corrente submarina que iria agitar o mar interno da politica paulista e trazer para ele a salsugem de outras correntes, até converte-la numa ressaca da pior especie. Os cautelosos e timoratos enxergaram esse perigo e e cuidaram de evita-lo sufragando o nome de Albuquerque Lins.

Foi um bem? Teria sido um mal?

Neste decurso de 37 anos creio que ainda seja difficil tirar de uma tal decisão partidaria todas as ilações favoraveis e desfavoraveis ao veredictum da Convenção. Mas, para o bom nome e o bom conceito de Albuquerque Lins, e como atestado da sua clarividencia politica, orientada para as soluções suascrias e pacificadoras, devemos todos confessar que esse nobre varão eliminou os atritos que o dissidio havia despertado, repeliu os incitamentos á punição dos adversarios do seu nome, apaziguou os componentes do partido e chamou para colaborar no seu Governo alguns dos salistas de posição mais desassombrada, coroando esse trabalho com o gesto tão dignificante de indicar o nome de Campos Sales para senador federal, na vaga logo após aberta pela morte de Lopes Chaves.

Mas, recordemos os nomes dos votantes de uma e outra facção. A 25 de setembro, quando no salão Steinway se reuniram os convencionai^listas, já eram conhecidos os seus nomes e também sabido o resultado da votação. Deixaram de comparecer: Bernardino de Campos, gravemente enfermo, no Rio de Janeiro, e quatro políticos que então se achavam na Europa: Lacerda Franco, Virgilio Rodrigues Alves, Abelardo de Cerqueira Cesar e Cardoso de Almeida.

Sabia-se que Cardoso de Almeida e Abelardo Cesar haviam outorgado procuração a Herculano de Freitas para a votação, e esse votos seriam dados a Campos Sales. Um dos restantes, outorgara procuração à Francisco Glicério, não sei se Lacerda Franco, se Virgilio Rodrigues Alves que, aliás, entrava na chapa de Campos Sales, como candidato à vice-presidente.

Impugnada a votação, por procuradores, numa sustentação oral, como sempre habil e brilhante, de Cincinato Braga, sob o fundamento de se tratar de mandato político e não se tolerar o voto por procuração, que só se admite para atos e negócios privados, de interesses individuais (destes, aliás, excluídos muitos negócios de caráter personalíssimo), foi afastada a hipótese dessa contagem. A maioria não se rendeu às razões e argumentos de Alvaro de Carvalho e Herculano de Freitas que defenderam a tese oposta, de admissão dos votos por procuração - pois não se tratava, propriamente, de uma eleição, mas de uma convenção partidária, na qual os votos por procuração eram francamente admissíveis e regulares. A corrente adversária alegou-se, confundia essa manifestação de caráter partidário com a própria eleição, isto é, o trabalho de arregimentação das grandes vozes do eleitorado, com

o proprio ato eleitoral. Cruzaram-se os apartes, mas os votos por procruração foram rejeitados.

Votaram pela chapa Campos Sales - V. Rodrigues Alves; Os Senadores federais- Glicerio, Alfredo Elis e Lopes C Chaves. Os deputados federais: Alvaro de Carvalho, Altino A rantes, Arnolfo Azevedo, Alberto Sarmiento, Carlos Garcia, Eloi Chaves, Costa Junior, Jesuino Cardoso, José Lobo, Palmeira Ri per, Paulino Carlos e Rodolfo Miranda. Os senadores estaduais Dino Bueno, Padua Sales, Bento Ricudo, Almeida Nogueira, Guimaraes Junior, Luiz Piza e Herculano de Freitas. E os deputados estaduais: Antonio Lobo, Aureliano de Gusmão, Benedito Ne to, Bento Bueno, Edgard Ferraz, Estevam Marcelino, Francisco Sodré, Joaquim de Sales, Freitas Vale, José Roberto Leite Pen teado , J. M. de Azevedo Marques, Mario Tavares, Oliveira Cou tinho, Plinio de Godoi, Pedro de Toledo, Paulo Nogueira, Pedro Costa e Vitor Airosa.

Pela chapa contraria - e vencedora, de Albuquerque Lins-Fernando Prestes votaram os seguintes convencionalistas:

Senadores estaduais: Duarte de Azevedo, Rodrigo Leite, Candido Rodrigues, Pais de Barros, Fernando Prestes, I nacio Uchôa, Rubião Junior, Melo Peixoto, Luiz Leite, Siqueira Campos, Pinto Ferraz, Cerqueira Cesar, Cesario Bastos e Ricardo Batista.

Os deputados federais: Ferreira Braga, Valois de Castro, Nogueira Jaguaribe, Barros Penteadado, Galeão Carvalhal, Cincinato Braga, Adolfo Gordo, Rodrigues Alves Filho e Francis co Romeiro. E os deputados estaduais: Alfredo Pujol, Ataliba

CAMPOS SALES

(cont.)

- fls. 19 -

Leonel, Carlos de Campos, José Luiz Flaquer, Julio Mesquita, A. Morais Barros, Carlos Guimarães, Antonio Mercado, João Sampaio, Cândido Mota, Cornelio Vieira, João Martins, Almeida Prado Junior, Vicente Prado, Dario Ribeiro, Gustavo Pais de Barros, Francisco Martins, Gabriel Rocha, Amaral Cesar, Nogueira Martins, Veiga Filho, Eduardo Canto, Casimiro da Rocha, Vicente Guilherme, Fontes Junior, Lamartine Delamare, Pereira de Queiroz, Domingos de Castro, Morais Filho, Luiz Soares e Oscar de Almeida.

Os salistas votaram, ao que depois se soube, com envelopes brancos, fechados: os linsistas em chapas de um azul anilado, sem envelope.

O "Comercio de S. Paulo", num desabafo e endossando o que então se sussurrava, afirmou que o emprego de chapas sem envelope, de uma cor só, foi o estratagema inspirado pelo governo para fiscalizar os seus votantes e evitar que alguns deles, de conformidade com compromissos anteriores, votassem na chapa oposta... É claro que essas increpações encontraram revide imediato e, durante alguns dias, as seções livres do "Estado", do "Comercio" e do "S. Paulo" se animaram com verrinas e diatribes, nelas se manifestando o glaudio dos vencedores e com elas se consolando a decepção dos vencidos.

o o o o o o o o o o o o o o o o

Findos os trabalhos da Convenção, postamo-nos nós, salistas, em grupos compactos na Praça Antonio Prado - pois a policia não permitia aglomerações em frente ao Steinway - e dali vamos com estridor, todos os votantes linsis-

CAMPOS SALES

(cont.)

- fls. 2o -

tas, mal estes surgiam do lado do Mercadinho, ao tempo em que aclamavamos os salistas. Alguns dos vaiados, antes de galgarem a ladeira de S. João, dobravam á direita, embara^ufustando pela Rua Libero Badaró, então povoada por varias casas suspeitas - o que fornecia ensejo para novas e pitorescas invectivas...

Mas, logo após, a conselho do Tenente Rocha, que era escalado para dissuadir os estudantes de manifestações esturdias e agitações de genero semi-belicoso, disper^usamonos e fomos comentar o resultado, verberar as defecções e fazer conjecturas das escaramuças futuras nas mesas do Café Guarani.

Á tarde, muitos dos convencionais que sufragaram o nome de Campos Sales, quase todos eles, foram á casa em que se encontrava hospedado o velho chefe, na Rua Verona, hoje Aureliano Coutinho, e ali lhe deram, pela voz de Francisco Glicerio, o resultado da votação e lhe narraram os incidentes e peripecias do conclave.

Campos Sales ouviu a breve noticia em pé, com o mesmo olhar que, certamente, teria quando, ao findar o seu quatrienio presidencial, saiu do Rio vaiado e apurado pela ralé dos suburbios, insuflada pelos jornais da imprensa amarela, que ele se obstinara em não subvencionar. Ouviu calado, quase solene, num grande silencio que então se fez á sua volta - e, antes de proferir qualquer palavra, manifestou seu reconhecimento aqueles amigos e sua decepção pelo abandono de tantos outros, deixando que lhe corressem dos olhos duas lagrimas. Mas enxugou-as logo, estreitou nos braços, demoradamente. Francisco Glicerio e entrou a conversar com os demais correligionarios para espancar do ambiente aquela nuvem sombria de desilusão e desconforto.

0 Estado

3 x 10 - XII - 1974